

Autoria insumissa de Conceição Evaristo: considerações sobre o enfrentamento à violência por meio da *escrevivência*

*Autoría insumisa de Conceição Evaristo: consideraciones sobre el enfrentamiento de
la violencia a través de la *escrevivência**¹

Submetido em: 04/09/2024

Aceito em: 10/10/2024

Thaísa Silva Martins²

Resumo: A partir do registro da *escrevivência*, termo criado pela escritora Conceição Evaristo, este artigo objetiva discutir acerca da violência sofrida por mulheres negras, compreendendo a *escrevivência* como uma experiência de enfrentamento à opressão. A referida autora começou a trabalhar com esse termo na construção da sua dissertação de mestrado, nos anos 1990. Trata-se de uma expressão que está fundamentada na vivência de mulheres escravizadas que cuidavam das crianças da família escravocrata, tendo em vista o período colonial que atravessou a história brasileira e a do continente americano. Surge para enfrentar a violência colonial do passado, mostrando que hoje, como mulheres negras, podemos contar as nossas próprias histórias. A abordagem teórica do presente artigo parte do entendimento de que o colonialismo é um dos fundamentos do modo de produção capitalista, hoje global, e contribuiu para que tal sistema se fundamentasse, também, a partir da violência a determinados corpos, como de pessoas negras, indígenas, mulheres, transsexuais etc. Como metodologia deste estudo, foi realizada uma análise documental do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), em que Conceição Evaristo aborda as histórias de trauma e de dor de treze mulheres.

Palavras-chave: Violência; mulheres negras; *escrevivência*.

Resumen: A partir del registro de la *escrevivência*, creada por la escritora Conceição Evaristo, este artículo tiene como objetivo discutir la violencia sufrida por mujeres negras, entendiendo la *escrevivência* como una experiencia de enfrentamiento a la opresión. La citada autora comenzó a trabajar con *escrevivência* en la construcción de su tesis de maestría, en la década de 1990. Se trata de una expresión que se basa en la experiencia de mujeres esclavizadas que cuidaban a los hijos de la familia esclavista, teniendo en cuenta el período colonial que atravesó la historia brasileña y la del continente americano. Surge para confrontar la violencia colonial del pasado, mostrando que hoy, como mujeres negras, podemos contar nuestras propias historias. El enfoque teórico de este artículo se basa en el entendimiento de que el colonialismo es uno de los fundamentos del modo de producción capitalista, ahora global, y contribuyó a que tal sistema se base también en la violencia contra ciertos cuerpos, como los negros, los indígenas, mujeres, transexuales, etc. Como metodología para este estudio, se realizó un análisis documental del libro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), en el que Conceição Evaristo aborda las historias de trauma y dolor de trece mujeres.

Palabras clave: Violencia; mujeres negras; *escrevivência*.

Introdução

“Não serei interrompida” (Marielle Franco, 2018)

¹ Como se trata de uma expressão criada pela escritora Conceição Evaristo, não foi traduzida para outro idioma, uma vez que poderia perder o sentido.

² Doutorado em andamento em Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: thaísa19.martins@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8231077696176290>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6046-5043>

À primeira vista, o que esta imagem apresenta?

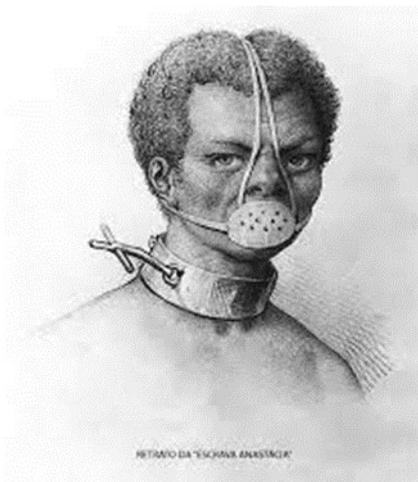


Figura 1: Fotografia da escravizada *Anastácia* feita por Jacques Arago, retirada do livro *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba.

A presente introdução inicia com a imagem da escravizada *Anastácia* utilizando uma *máscara* de metal, para um convite à reflexão. Esta também é provocada pela frase da epígrafe, de autoria de Marielle Franco, na qual a ex-vereadora, brutalmente assassinada em 2018, falava acerca do dia Internacional das Mulheres. Enquanto discursava, alguém defendeu a ditadura, e a vereadora protestou: “não serei interrompida” (Franco, 2018).

Início este artigo afirmando que nós, mulheres negras, não seremos interrompidas. Destruiremos as máscaras que insistem em nos calar, assim como aquela da imagem de *Anastácia*.

Acerca do retrato mencionado, que configura emudecimento de alguém que quer ou pode se expressar, podemos afirmar, com base em Kilomba (2019), que o projeto colonial moderno³ utilizou, por mais de trezentos anos, uma peça de metal instalada no interior da boca das pessoas escravizadas. O uso dessa *máscara* se deu com o objetivo

³ De acordo com o referencial teórico que orienta este artigo, o capitalismo é um sistema complexo que existe há mais de 500 anos e que se fundamentou, também, no projeto colonial moderno marcado, inerentemente, pela violência. Por isso, o capitalismo, como modo de produção globalizado, se manteve fundamentando, também, no projeto de colonização europeia na América, a partir de finais do século XV, o que favoreceu, conforme Quijano (2005), para que a América se constituísse como a primeira *identidade* da modernidade, nos termos do autor. Este sistema escravizou e dizimou, por meio da hierarquização racial, criando novas identidades históricas, como a do *negro* e a do *índio* – os/as colonizados/as, e redefinindo outra identidade, como a do *Europeu* – o colonizador.

principal de criar um senso de mudez e de medo, a partir da defesa da hierarquização racial, o que negou a humanidade a quem foi colonizado/a. Logo, o silenciamento é historicamente uma poderosa arma de opressão.

Conforme reflexão realizada pela autora mencionada, sem história oficial, ainda não se sabe se *Anastácia* era de origem africana ou brasileira. As razões dadas para o referido castigo ainda são incertas. Há relatos de que se deu em função de seu ativismo político, de sua resistência à violência sexual e, ainda, quanto ao ciúme de uma *sinhá* que temia a sua beleza. Além da referida *máscara*, *Anastácia* foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, o que levou à sua morte por tétano, como explica Kilomba (2019).

É necessário apontar que a violência sofrida por *Anastácia* ainda vigora, embora de outras formas. Pode ser comprovada em diversos outros casos, como: na morte de Claudia Ferreira, auxiliar de Serviços Gerais, que foi baleada e teve seu corpo arrastado pela política militar, em 2014, no Rio de Janeiro. Pode ser comprovada, também, no assassinato da historiadora Beatriz Nascimento, pelo companheiro de uma amiga, em 1995. Ainda, pode ser referenciada no brutal assassinato da ex-vereadora Marielle Franco, em 2018, vítima de racismo, de misoginia, de violência política e, também, de homofobia.

Em todas essas situações, a mulher negra é vítima de violência. A violência presente na imagem de *Anastácia* não acabou. Afinal, o capitalismo, hoje global, se manteve e se mantém fundamentado em opressões, pois como afirma Federici (2017), não se pode considerá-lo como mero produto evolutivo da humanidade.

Dessa maneira, neste artigo, discuto sobre violência sofrida por mulheres negras, a partir do registro da *escrivivência*, termo criado pela escritora Conceição Evaristo, umas das escritoras negras de maior destaque na literatura nacional⁴.

A autora começou a trabalhar com o referido termo na construção da sua

⁴ Nascida em Belo Horizonte, em 1946, a referida autora é poetisa, contista, romancista, ensaísta e mãe de Ainá Evaristo de Brito. É formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornando-se, em 1996, mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e, em 2011, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). A autora iniciou as suas publicações na Série *Cadernos Negros*, nos anos 1990, embora só tenha se tornado reconhecida recentemente. De acordo com LITERAFRO (2024), listo as suas obras individuais: *Ponciá Vicêncio* (romancel/ 2003); *Becos da Memória* (romancel/ 2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (contos/ 2011); *Olhos d'água* (contos/ 2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos e novela/ 2016); *Canção para ninar menino grande* (novela/ 2018); *Azizi, o menino viajante* (conto/ 2017); *Não me deixe dormir o profundo sono* (conto/ 2020); *Fio de prumo* (conto/ 2020) e *Macabéa, flor de Mulungu* (conto/ 2023).

dissertação de mestrado, em 1994, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Ali, fez um jogo com as palavras “escrever”, “viver”, “se ver”, e disso adveio *escrevivência*. Brincar com as palavras lhe pareceu sempre instigante, pois Conceição Evaristo cresceu rodeada pelos casos contados por seus familiares, especialmente mulheres. Tudo virava história em sua casa.

A referida escritora expressa que *escrevivência* está fundamentada na experiência de mulheres negras escravizadas, que tinham que contar histórias para as crianças da família escravocrata. Segundo Conceição Evaristo, o termo é um caminho inverso a esta realidade. *Escrevivência* surge para “borrar” a imagem da violência colonial do passado e, por isso, é uma forma de mostrar que hoje, como mulheres negras, podemos contar as nossas próprias histórias, inclusive, as de opressões, traumas, dores, medos, amores, alegrias etc. Tal reflexão pode ser exemplificada na seguinte argumentação da escritora:

[...] Quando digo que nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande, nasce da imagem que a gente tem no passado da *mãe preta* dentro da casa grande contando história para adormecer a prole colonizadora. Essa imagem me incomoda muito. A imagem da *mãe preta*. Está no imaginário brasileiro essa passividade das mulheres negras. Que está na literatura brasileira. A construção dessa personagem da mulher negra. [...] As mulheres africanas escravizadas e suas descendentes eram obrigadas a contar história para adormecer os da casa grande. Essa autoria negra de mulheres vai escrever história. A *escrevivência* dessas mulheres é justamente para acordar os da casa grande. Com essa *escrevivência* quero borrar a imagem do passado. É uma outra imagem. A africana e suas descendentes escravizadas dentro de casa nunca podiam contar suas histórias, nunca podiam contar suas vivências. Imagina *mãe preta* contando para o senhorzinho da casa que ela apanhava, era escravizada, não podia viver com a família e que ela alimentou aquela criança enquanto o filho dela morria de fome. Nessas histórias, as mulheres se calavam. A nossa *escrevivência* pretende trazer essas histórias à tona (Evaristo, 2018, p. 5, grifos meus).

Portanto, *escrevivência* é uma prática vinculada à resistência histórica de mulheres negras e não se vincula a um conceito fechado, mas ao fato de experimentar uma realidade, que é violenta. Desse modo, o termo “[...] extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado [...]”. *Escrevivência* surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre [...]” (Evaristo, 2020a, p. 38, grifo meu). Por se conectar com as experiências de vida deste grupo, tem uma direção e um sentido, não é qualquer tipo de escrita e não precisa ser expressa apenas no tradicional ato de escrever.

Evaristo (2007), por exemplo, expressa o símbolo criativo da *escrevivência* na vivência da mãe lavadeira, que desenha o sol no chão lamacento, com um graveto, para chamar este sol, num gesto em que corpo e escrita se comungam.

Ao mencionar esta atividade, Evaristo (2007) nos permite fazer analogias com a *mãe preta* escravizada que cuidava das roupas da “casa grande”. A autora destaca que, ao fazer este ato, a referida mulher se encontra de cócoras, em um gesto que permite conexão com a terra, com as raízes ancestrais e, portanto, com a história colonial.

Ao lançar o termo *escrevivência*, embora a autora não tenha tido a pretensão de criar um conceito, a interpretação como tal é possível, visto a aproximação de diversas áreas com este tema. Segundo o livro *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (Duarte e Nunes, 2020), este termo se encontra como objeto para profissionais de diversas áreas, sendo discutido tanto no Brasil quanto no exterior, podendo ser lido como conceito; conceito-experiência; método; operador teórico etc.

Neste artigo, o compreendo como uma experiência de enfrentamento à violência, sendo uma expressão de resistência às opressões do capitalismo, atreladas ao processo de desumanização de pessoas negras, como é ilustrado na imagem de *Anastácia*.

Portanto, por meio do registro da *escrevivência* de Conceição Evaristo, discutirei sobre a violência sofrida por mulheres negras. Para tanto, priorizei a sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* – referenciada neste artigo como Evaristo (2020b) – por trazer contos que expressem a violência sofrida por treze personagens – uma em cada conto. Este livro, como explica Sobrinho (2023), trata-se do primeiro deste gênero da referida autora, e tem a predominância do cenário da violência.

Violência sofrida por mulheres negras, a partir da autoria insubmissa de Conceição Evaristo

“[...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*” (Evaristo, 2020b, p. 7, grifos da autora).

Ao estudar as marcas da violência no corpo literário feminino, Duarte (2023) constata que sempre sentiu falta de produções que trabalhassem as dores da violência física. Quando conheceu as escritoras dos *Cadernos Negros*, percebeu a recorrência desta temática, vinculada, ainda, ao cotidiano feminino e calcada em uma perspectiva

étnica e feminista.

Dentre as diversas escritoras que se encontram na referida publicação, Duarte (2023) destaca Conceição Evaristo, afirmando que a sua obra predomina as angústias, os temores, a sexualidade, a força e a generosidade femininas, tendo as imbricações de gênero, classe e etnicidade, assuntos que são de seu interesse.

No livro que aqui priorizo, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, a referida autora retrata a história de treze mulheres, por meio da voz de uma narradora que provoca as personagens a contar as suas trajetórias – a relatar dores, medos, traumas ou violências que já sofreram. É essa narradora que lembra quem lê o que já foi contado, enfatizando o seu gosto por aquela escuta, e por se reconhecer naquelas explicações.

É pertinente destacar que essa narradora se sente próxima das personagens, por compartilharem da mesma condição social de mulheres negras, embora nem em todos os contos, Evaristo (2020b) deixe explícito um dilema racial. Contudo, a sua escrita é contaminada por sua condição de mulher negra, como afirmou em Evaristo (2017a). Consequentemente, esta característica atravessa o conjunto da sua produção literária.

Por isso, embora sejam histórias de outras mulheres, no *Insubmissas*, a autora aludida enfatiza que continua no ato de traçar a *escrevivência*, como aponta a epígrafe desta seção, que é um trecho da apresentação da referida publicação.

O livro é uma narrativa em primeira pessoa, na qual Evaristo (2020b) nos deixa na dúvida se é ela própria que conheceu aquelas personagens, o que a faz construir, portanto, uma linha tênue entre fantasia e realidade. Quanto a essa característica, Duarte (2023) esclarece que: “[...] com habilidade e competência, ela joga com o leitor o tempo todo. Tudo parece falso e ao mesmo tempo verdadeiro nesta obra, a começar pela autobiografia, em que as personagens relatam suas vidas, mas é uma outra que registra. [...]” (p. 222).

Além disso, cada personagem possui um nome carregado de significados, que são desvendados ao longo da narrativa, sendo esses nomes os títulos dos próprios contos.

A forma como Conceição Evaristo mantêm a sua marca poética, em meio a dor tão comum e tão atual na vida das mulheres negras, é algo que toca bastante quem a lê. Dessa maneira, analisar uma obra literária é considerar as múltiplas e distintas marcas que podem aparecer entre as pessoas que investigam sobre literatura.

Isto posto, de forma geral, apareceram os seguintes conteúdos sobre violência

no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. A presença da violência física e sexual, bem como do racismo, são marcas gritantes. Os relatos das personagens também expressam traumas e medos que se vinculam a dilemas acerca da identidade das mulheres, e à busca pela liberdade feminina, sobretudo, tendo em vista as opressões sociais relativas a gênero, classe e raça. Ainda aparecem elementos que nos remetem ao período da escravização brasileira, bem como os impactos disso, hoje, na vida de mulheres negras.

Para realizar a análise do livro, separei a discussão por itens. Estes se configuram como seções do presente artigo e são nomeados pelas personagens centrais dos contos, as quais destaco a seguir:

Rose Dureis e Adelha Santana Limoeiro

No conto de *Rose Dusreis*, Evaristo (2020b) relata questões que envolvem a vida e a sua finitude, levando-nos perceber reflexões acerca de dilemas humanos. Faz isso por meio de analogia ao balé, uma vez que a personagem é dançarina, e soube driblar as opressões da vida como em precisos passos de dança. A própria debilidade da protagonista é algo que deixa várias questões, e nos leva a pensar os impactos do racismo, da pobreza e da saúde da população negra.

Rose Dusreis dizia:

– Eu nasci com o pendor da dança, embora para a minha família, isso não significasse nada – [...]. Dançar não nos oferecia nenhum sustento para a sobrevivência. – continuou ela – não comemos dança, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé a que eu assistia lá [...] (Evaristo, 2020b, p. 107-08).

A personagem estudava em uma escola pública, e almejava um curso de balé privado. A mesma professora que oferecia aulas de música, dentro da grade escolar, dava as aulas dessa dança em outro turno. Contudo, enquanto na sala de aula era severa, a referida professora era gentil para o grupo específico de meninas que cursavam o balé, as quais Evaristo (2020b) nos permite ler como brancas.

Quando *Rose Dusreis* informou que gostaria de entrar nessas aulas de dança, mesmo não podendo pagar, mas oferecendo como troca o serviço de lavadeira de sua mãe, a professora informou que o seu tipo físico não era para balé.

Isso permite quem ler identificar segregação em função da cor da pele da

personagem, uma vez que ela só tinha oito anos, e durante toda a sua trajetória de dançarina, que se perpetuou depois desse episódio, disse que era: “[...] uma das poucas, se não a única bailarina negra do grupo [...]” (Evaristo, 2020b, p. 113).

O conto ainda relata quando *Rose*, criança, se preparava para uma apresentação de dança na escola, onde seria a *bonequinha negra*. E, na semana do evento, sem nenhuma explicação ou justificativa, foi substituída por uma menina branca, pintada de preto. Tal situação racista nega a identidade das pessoas negras ao não lhes possibilitar estar em espaços de destaque.

Afinal, o dito “padrão de beleza”, defendido pelo capitalismo, ainda é associado ao *sujeito universal*. Tal modelo está articulado a uma pessoa do sexo masculino, branca, da elite, advinda de grandes centros, heterossexual etc., o que nos leva a pensar diversas opressões que surgem ao não estarmos vinculadas e vinculados a este padrão.

Assim, é pertinente comentar que no conto de *Rose Dusreis*, Evaristo (2020b) nos mostra que ao mesmo tempo em que a referida personagem se profissionalizava na dança, alçando novos espaços, o seu sangue vinha se “descolorindo”: “[...] de vermelho tinto vai se embranquecendo [...]” (p.114). Nesta parte do conto, a autora faz analogia entre a anemia que atingiu a personagem, e o fato de ela estar ocupando espaços em que tradicionalmente eram apenas para pessoas brancas.

Observemos esta citação: “[...] uma fraqueza vai me tomando na mesma proporção que a dança me plenifica mais e mais de prazer [...]” (Evaristo, 2020b, p.114). Ou seja, quanto mais a personagem ocupava tais espaços, a sua anemia se aprofundava.

Tal reflexão colocada pela autora não se configura como um reforço à segregação racial. Pelo contrário, Evaristo (2020b) usa linguagem poética para relatar os desafios impostos pelo racismo, no enfrentamento a essa desigualdade imposta pela sociedade.

Neste conto, ainda aproveita para relatar uma dança de povos africanos, na região de *Kendiá*, onde a aprendizagem da bailarina *Dusreis* foi além da dança. “[...] Ali ela aprendera o bailado da existência [...]” (Evaristo, 2020b, p. 115). Assim, a autora traça similitudes da dança com a vida humana e a sua finitude.

Isto posto, ao comentar sobre fim da vida, cabe trazer o conto de *Adelha Santana Limoeiro*. Em sua história, o seu marido não se conformava com o envelhecimento, e justamente o do seu *falo* era o que mais lhe incomodava. O homem queria recuperar

tempos de outrora e a esposa o acolhe.

Contudo, ao fazer isso, *Adelha* demonstra que era sua a culpa do que vinha acontecendo com o seu companheiro, o que revela uma subjugação feminina e também expressa uma violência. Vejamos como tal fato aparece no referido conto:

[...] fingidamente, inventei estar em mim uma limitação que não era e nem é minha. Quem sabe, não estaria no meu corpo a causa da sua anunciada morte? Quem sabe não viria de mim a causa de um desejo tão amolecido dele? – perguntei, ou melhor, quase afirmei para ele. E, desde então, dei assas ao velho, para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude [...] (Evaristo, 2020b, p. 40).

No referido conto, é interessante observar que ao mesmo tempo em que *Adelha* sente que a culpa não lhe pertence, não sustenta essa opinião diante do marido, colocando para si uma dificuldade que é dele. Tal situação promove a indagação se a personagem estaria se protegendo de uma possível violência, seja do esposo ou de outras pessoas.

A referida personagem chega a sugerir que o companheiro se envolva com mulheres mais jovens, as quais *Adelha* chegou até as sustentar financeiramente. Fez de tudo para poupar o marido do constrangimento, tomando para si a tarefa de o reestabelecer.

Ao continuar a comentar acerca das marcas da violência no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, apresento agora os contos das personagens que retratam violência física e sexual.

Aramides Florença, Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel

A personagem *Aramides Florença* relata situações sutis de violência física, cometidas pelo pai do seu filho, até comungar em um estupro, o que é comprovado na seguinte citação: “[...] numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho [...]” (Evaristo, 2020b, p. 17).

Outro conto que traz a mesma violência é o de *Shirley Paixão*. Ela conta a história da sua *confraria de mulheres*, e o seu ato de bravura para defendê-la, sobretudo, diante do fato de o seu companheiro estuprar a própria filha. A personagem afirma que ele puxou a adolescente violentamente, “[...] modificando naquela noite, a maneira

silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos” (Evaristo, 2020b, p. 31). Ao flagrar a violência, *Shirley* tentou matá-lo e chegou a ser presa, mas, sobretudo, o referido agressor também.

Shirley nos leva a refletir sobre resistência de mulheres negras, ao explicar que apesar de ter ficado três anos presa, já tinham passado quase trinta anos da referida violência, no momento em que relatava esse fato no conto. Por isso, afirmou o seguinte: “[...] a nossa irmandade, a *confraria de mulheres*, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta [...]” (Evaristo, 2020b, p. 34, grifo meu).

Tal afirmação me fez conectá-la com o poema *Vozes Mulheres* (Evaristo, 2019), no qual a autora relata a exploração transgeracional enfrentada pelas mulheres negras. Todavia, reflete que hoje as nossas vozes ecoam a possibilidade da liberdade, ecoam o grito que rompeu, a meu ver, a *máscara de Anastácia*, explicitada na introdução deste artigo⁵, e a violência enfrentada pela *confraria de mulheres*, a qual *Shirley Paixão* explica.

Outro conto do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* que também retrata uma violência sexual é o de *Isaltina Campo Belo*. A personagem foi violentada por meio de um estupro “corretivo e coletivo”, em função de dúvidas e anseios relacionados à sua identidade de gênero e orientação sexual. Quem promoveu o desenrolar dessa violência foi um rapaz que quis namorá-la. Segundo o relato de *Isaltina*, esta pessoa afirmava com fervor que tinha certeza do seu “fogo”, por ela ser uma mulher negra, o que acentua a objetificação dos corpos negros, por meio da hipersexualização.

Desse modo, com base nesses contos que nos levam a pensar a violência sexual, é pertinente destacar que, em 2023, de acordo com Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), o Brasil atingiu um novo recorde de estupros e estupros de vulneráveis consumados – 83.988 vítimas. O país chegou a registrar 1 crime de estupro a cada 6 minutos, segundo a referida fonte.

Tal documento também afirma que, desde 2011, vítimas de estupro ou estupro de vulnerável no Brasil tem atingido novos recordes. Em um período de 13 anos, até 2023, o crescimento do número de vítimas chegou a 91,5%.

⁵ Ver o início da introdução. Trata-se da imagem da escravizada *Anastácia* usando uma peça de metal que objetivava criar um senso de mudez nas pessoas escravizadas. A foto foi retirada do livro *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba.

A mesma fonte revela que as vítimas de estupro são, de forma geral, femininas (88,2%), negras (52,2%), de no máximo 13 anos (61,6%), que são estupradas por familiares ou conhecidos (84,7%), como nos contos citados, e dentro de seus próprios lares (61,7%)⁶.

Tais dados asseveram a relevância da obra de Evaristo (2020b) ao denunciar, também, esse tipo de violência sofrido por mulheres negras. Além de convocar à reflexão e ao enfrentamento desta expressão que atravessa a realidade brasileira.

No que diz respeito à lesão corporal dolosa, Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024) apontou, em 2023, 258.941 vítimas mulheres. Também descreve diversos tipos de violência contra a mulher, como assassinatos, nas modalidades consumadas e tentadas, bem como agressões em contexto de violência doméstica: ameaça, perseguição, violência psicológica e estupro. Ao expor isso, a referida fonte constata que quando somados todos esses tipos, chegam-se a 1.238.208 de vítimas mulheres, somente em 2023. E ao levarmos em consideração o perfil das mulheres mortas de forma violenta, observamos que são negras (66,9%), e com idade entre 18 e 44 anos (69,1%).

Essas informações podem ser exemplificadas com o conto da personagem *Lia Gabriel*, de Evaristo (2020b). A violência relatada foi motivada quando a personagem afirmou que a comida do seu marido estava pronta, só bastava ele esquentá-la no forno, o que foi motivo para um espancamento.

[...] Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira

⁶ Diante dos dados citados, torna-se pertinente comentar acerca do Projeto de Lei 1.904/2024, de autoria do deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), que propõe igualar o aborto legal em idade gestacional acima de 22 semanas, inclusive em casos de estupro, ao crime de homicídio simples. Isso valeria mesmo em casos de estupro de vulneráveis, o que significa que a pena para quem aborta pode ser maior do que para quem pratica o estupro. Veja, uma criança violentada chegaria a ser mais punida do que quem a agrediu. Tal proposta configura-se como mais um dos artefatos da extrema-direita brasileira, que além de retroceder ainda mais em uma legislação já tão atrasada para as mulheres, no que diz respeito ao aborto no Brasil, ainda indica o interesse dos congressistas apoiadores em acirrar o controle sobre os corpos das mulheres. No dia 12 de junho de 2024, por exemplo, a Redação do Jornal Brasil de fato (23/06/2024) disse que o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), pautou a votação do requerimento de urgência sem aviso e sem anunciar o número do Projeto, para que o documento avançasse a “toque de caixa”. Contudo, diante das diversas manifestações contrárias, nas ruas e nas redes sociais, houve recuo do Presidente da Câmara, considerando que há possibilidades de mudanças no texto do documento, e pautando a votação para mais adiante.

do tanque e, tampando a minha boca, enfiou a minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia [...] (Evaristo, 2020b, p. 101).

Além de relatar a recorrência da agressão física, o que exemplifica os dados mencionados acerca de lesão corporal dolosa sofrida por mulheres, o conto mostra violência patrimonial⁷. Pois após *Lia* sair de casa com os filhos para se livrar das dores, constatou o seguinte ao retornar: “[...] todos os compartimentos estavam vazios. Nem uma cama ele deixou. Por vingança havia levado tudo, inclusive as nossas roupas [...]” (Evaristo, 2020b, p.98).

A descrição realizada por Conceição neste conto, chega a trazer, também, cenas que lembram a escravização no Brasil, ao mencionar a tortura pelo *chicote*. O marido de *Lia* chegou a agredi-la, até mesmo, quando a personagem estava com o filho nos braços.

[...] ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei o meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava [...] (Evaristo, 2020b, p. 102).

Ao mencionar a tortura pelo *chicote*, cabe comentar que a seguir são apresentados os contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, que convocam à reflexão acerca do período da escravização no Brasil, com exemplo de violências. Vejamos:

Maria do Rosário Imaculada dos Santos e Regina Anastácia

Quando *Maria do Rosário* era criança, um casal de estrangeiros chegou em seu vilarejo com um jipe, oferecendo passeios para a criançada. Ela informou o seguinte no conto: “[...] subimos contentes e o carro aos poucos foi ganhando distância, distância, distância...[...]” (Evaristo, 2020b, p. 45). A personagem foi roubada na infância e teve que lidar até com as seguintes situações:

⁷ A lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida com a *Leia Maria da Penha*, define a violência patrimonial como uma forma de violência doméstica e familiar contra a mulher, e a estabelece como “[...] como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades” (p.1).

[...] Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles (Evaristo, 2020b, p. 51).

Esta citação nos leva a pensar a perpetuação das marcas coloniais na atualidade. É possível observar que o padrão de dominação colonial pode ser compreendido como um processo amplo, que não se limita às relações formais colonialistas. Tais relações, em tese, já se findaram como, por exemplo, através da independência das colônias americanas no século XIX, das quais o Brasil se constituiu.

Além do relato presente no conto de *Maria do Rosário*, a título de ilustração dessas marcas, podemos comentar que em 2023, só em atividades rurais, foram resgatadas 2.663 pessoas em situações análogas à escravidão. Esses dados são do Jornal Brasil de Fato (Mendes, 2024), onde tais informações foram divulgadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), a qual contabilizou essa quantidade de vítimas retiradas, em 251 casos de trabalho escravo denunciados.

Conforme a referida fonte, entre os estados brasileiros, Goiás foi o que teve o maior número de trabalhadores resgatados dessas situações: foram 699 no total. Em seguida, vem Minas Gerais com 472 resgates, e Rio Grande do Sul com 323. A informação aponta que, entre os casos deste último Estado, tem maior relevância o da *Fênix*, empresa terceirizada que prestava serviço para as vinícolas *Aurora*, *Garibaldi* e *Salton*, onde 210 pessoas foram resgatadas na colheita da uva.

Tais marcas coloniais ao mesmo tempo em que revelam violência, expressam resistência, pois o conto de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, acerca da história de *Regina Anastácia*, mostra como ela e sua família enfrentaram o poderio colonial para se refazerem. Eles confrontaram herdeiros latifundiários que se colocavam como os donos da cidade onde moravam.⁸

No referido conto, é notório o papel de objetificação das mulheres negras, o que nos leva a trazer a reflexão de González (2020), sobre a exploração como objeto sexual.

Ao discutir sobre a história brasileira e o papel da mulher negra, a referida autora

⁸ O nome *Regina Anastácia* permite analogia com a imagem que abre este artigo, pois a personagem também se associa à rebeldia, assim como aquela que enfrentou o poder colonial e foi castigada com a *máscara* de metal, ilustrada na introdução.

constata os engendramentos da *mulata* e da *doméstica*. Estes são criados em nossa formação nacional a partir da figura da *mucama*, aquela destinada aos serviços caseiros, e a acompanhar as crianças da “casa grande” com contação de histórias, por meio da própria ideia da *mãe preta* já exposta anteriormente.

De acordo com González (2020), o engendramento da mulher negra brasileira como mulata é voltado para o ideário de um “produto importação”. Isso significa as mulheres negras serem induzidas à exposição de seus corpos, para o deleite do voyeurismo de turistas e representantes da burguesia nacional, nos termos de González (2020). Tal questão, segundo a autora, favorece a reprodução do velho ditado “[...] preta para casar, mulata para fornicar e branca para casar [...]” (p. 59). Vejamos como isso aparece no conto de Regina Anastácia no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*:

[...] Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhava com eles. [...] (Evaristo, 2020b, p. 137).

A fim de continuar a comentar acerca dos contos do referido livro, como marcas da violência, ainda aparecem dilemas acerca da identidade das mulheres, e à busca delas pela liberdade, enfrentando opressões. Isto revelou a recorrência de relatos que explicitaram medos e traumas das personagens, advindos, sobretudo, das suas condições de gênero e de raça, como veremos no item a seguir:

Natalina Soledad, Mary Benedita, Líbia Moirã, Saura Benevides Amarantino e Mirtes Aparecida da Luz

No conto de *Natalina Soledad*, observamos que ela conviveu com a opressão e o desprezo da família, principalmente, pelo seu pai a rejeitar por ter nascido mulher. Por conseguinte, a mãe também a rejeitou, e isso lhe fez crescer solitária e indiferente aos seus. O seu nome de nascença era “Troçoléia Malvina Silveira”, advindo da depreciação que sofria. A personagem cresceu com o intuito de criar para si outro nome, e assim o fez, quando adulta, chamando-se *Natalina*.

O conto de *Mary Benedita* também mostra a construção da autonomia das

mulheres. Neste caso, foi em função das marcas tradicionais de uma família que não estava acostumada a lidar com mulheres que faziam as suas próprias escolhas. A personagem encontra na tia alguém que não só lhe inspira, e lhe incentiva, mas lhe ajuda a fugir dos padrões impostos pela sociedade.

Contudo, *Mary* se automutila e exhibe cicatrizes em seu corpo, o que nos faz pensar dilemas relativos à saúde mental de mulheres negras, levando-nos a refletir sobre demandas de autoextermínio, que também é uma violência.

Também há o conto de *Libia Moirã*, que sofria com pesadelos, acordando sempre aos gritos e aos choros, o que a levou até a tentativas de suicídio, no intuito de tentar suprimir tal dor. Foi se curar com mais de cinquenta anos, percebendo que isso se conectava a um trauma relacionado ao fato de ter presenciado o nascimento do seu irmão.

Este conto relata um processo de resignificação da vida, e nos leva a refletir sobre dilemas existenciais, conectados ao racismo.

Outra história presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é a de *Saura Benevides Amarantino*. Neste conto, mostra a busca da autonomia da personagem e o desprezo que teve por sua filha, pelo fato de a criança ter sido fruto de uma relação que se associou a traumas. Assim, o pai a levou embora e assumiu sozinho os cuidados, e *Saura* sofreu julgamentos por ter feito esta escolha.

É pertinente destacar que homens “abortam” recorrentemente, a exemplo dos companheiros de *Aramides* e de *Lia Gabriel*, já citadas neste artigo. Após violentarem as suas esposas, os maridos das personagens simplesmente sumiram. Diante disso, cabe indagar se homens que “abortam”, ao não assumirem a responsabilidade como pais, sofreriam as mesmas críticas que *Saura*, sendo uma mulher, sofreu.

No conto de *Mirtes Aparecida da Luz*, por exemplo, o seu marido se atormentava em suas imaginações de como o bebê deles nasceria, uma vez que *Mirtes* possuía deficiência visual e estava grávida. De tanto se atormentar, ele se mata. Estaria cometendo um “aborto”, já que logo seria pai? O conto provoca reflexão sobre tal temática.

Isto posto, a fim de concluir este artigo, cabe comentar que tais situações de violência relatadas em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* provocam diversas questões.

Em que pese haja os limites históricos do capitalismo, que se funda na violência, também, de corpos de mulheres negras, os contos levam a pensar o fortalecimento da

autonomia das mulheres. Nos faz indagar o real significado de liberdade, e as possibilidades de isso se materializar nesta sociabilidade. Ainda fazem refletir acerca da nossa potência *escrevivente*, como mulheres negras.

Assim, também é possível pensar: quantas outras mulheres, inclusive próximas a nós, podem passar pelas mesmas situações dos contos e morrerem simplesmente por serem mulheres, e, portanto, vítimas de feminicídio⁹? Quantas mulheres, que ficam no anonimato, mas que assim como *Shirley Paixão* enfrentam o agressor e são presas, enquanto o criminoso segue fazendo mais vítimas?

Tais provocações constataam que a *escrevivência* e, por conseguinte, a produção literária de Conceição Evaristo, contribuem para discutir sobre violência. Portanto, corroboro com Santos (2023), quando afirma que obra da referida autora se associa à contribuição para outro projeto de sociedade, por retratar e confrontar uma prova viva do cotidiano de mulheres negras.

Considerações Finais

O artigo propôs discutir acerca da violência sofrida por mulheres negras, a partir do registro da *escrevivência*, termo criado pela escritora Conceição Evaristo. Por meio deste registro, expus sobre a violência sofrida por essas mulheres, em diálogo com o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, da referida autora.

Diante do exposto neste trabalho, considero como elementos finais comentar a entrevista de Conceição Evaristo à *Carta Capital* (Evaristo, 2017b), quando afirma a possibilidade de *estilhaçar* a máscara do silenciamento, que é o que fomenta a experiência da *escrevivência*. Isso me faz conectar com a potência de jovens escritoras negras, que, inclusive, podem expressar o *eco da vida-liberdade*, como infere o poema *Vozes Mulheres* (Evaristo, 2019).

Por outro lado, é pertinente explicitar que embora a *escrevivência* carregue um sentido gerador advindo da escrita de mulheres negras e pobres, que enfrentam o histórico apagamento de seus corpos, e por conseguinte, dos seus saberes, compõe a

⁹ O feminicídio é um crime de ódio cometido contra a mulher, em função do seu gênero. A legislação brasileira o tipificou em 2015, o incluindo no rol dos crimes hediondos. Está configurado quando uma mulher é assassinada por sua condição de mulher. De acordo com Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), no ano de 2023, foram 1.467 mulheres vítimas de feminicídio, o maior número já registrado desde que a lei foi criada em 2015. 63,6% das vítimas de feminicídio foram mulheres negras e 35,8%, brancas, o que atesta a relevância da discussão proposta neste artigo.

abertura de inúmeras possibilidades de reflexão.

Portanto, considero que o sentido da *escrivivência* também pode contribuir com a ruptura da ideia de que somente certos locais, visões, escritos etc. são de pessoas negras. Podemos escrever sobre tudo, falar de tudo, produzir ciência sobre tudo etc.

Escrivivência vem para demarcar algo que a história, tida como “universal”, fez questão de apagar. Por isso, faz o caminho inverso àquele que obrigava a mulher negra escravizada cuidar das crianças da família escravocrata. Surge para apagar a violência, enfrentando-a.

Dessa maneira, devemos cada vez mais ressaltar a contribuição que nós damos para este país, pois “a nossa *escrivivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 2, grifo meu). Este termo vem para trazer incômodo e transformação. E é por isso que aqui estamos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras medidas. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 26 jul. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Brasília-DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em 19 jul. 2024.

BRASIL. *Projeto de Lei 1.904/2024*. Acresce dois parágrafos ao art. 124, um parágrafo único ao artigo 125, um segundo parágrafo ao artigo 126 e um parágrafo único ao artigo 128, todos do Código Penal Brasileiro, e dá outras providências. Brasília-DF. Câmara dos Deputados, [2024] Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493&fichaAmigavel=nao>. Acesso em: 22 set. 2024.

DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, C. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). *Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 215-224.

EVARISTO, C. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 1-3.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.13, n.25, p. 17-31, 2009a.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. *LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira*. 2009b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em 01 ago. 2024.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. *Nexo Jornal*, 2017a. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%99minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18 jun. 2024.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. *Carta Capital*, 2017b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 05 de mar. 2024.

EVARISTO, C. “*Escrevivência: escrever, viver e ser*”. In: *SUPLEMENTG*, Belo Horizonte, Edição nº 1.378, 4-11, Maio/Jun. 2018.

EVARISTO, C. Vozes Mulheres. In: SANTANA, B (org.). *Vozes insurgentes de mulheres negras*. Belo horizonte: Mazza Edições, 2019, p.295.

EVARISTO, C. *A Escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). *Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.p.26-46.

EVARISTO, C. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2020b.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCO, M. “Não serei interrompida |08-03-2018”. *Instituto Marielle Franco*: (17:10 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f18czAgJGUE>. Acesso em 06 mar. 2024.

GONZÁLEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F; LIMA, M. (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano*: Lélia Gonzalez. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p.49-64.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LITERAFRO. *Dados biográficos de Conceição Evaristo*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MARTINS, T. S. Conceição Evaristo e desobediência epistêmica: contribuições para pensar a escrevivência a partir da decolonialidade. *Revista de Letras Norte@mentos*, [S. l.], v. 16, n. 44, 2023. DOI: 10.30681/rln.v16i44.11105. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/11105>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MENDES, F. Brasil tem o maior número de resgatados do trabalho escravo em 10 anos, mostra CPT. *Brasil de Fato*. 22/04/2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/22/brasil-tem-o-maior-numero-de-resgatados-do-trabalho-escravo-em-10-anos-mostra-cpt>. Acesso em 26 jul. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO, *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, 2005.

RATTS, A. Introdução. In: NASCIMENTO, B. *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*. RATTS, A. (Org.), Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REDAÇÃO. Manifestações tomam o país contra o PL do Estupro neste domingo (23). *Brasil de Fato*. 23/06/2024, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/23/manifestacoes-tomam-o-pais-contr-o-pl-do-estupro-neste-domingo-23>. Acesso em 26 jul. 2024.

SANTOS, M. Intelectual Negra: a produção literária de Conceição Evaristo. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). *Escrevivências: Identidade, Gênero e Violência na obra de Conceição Evaristo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 65-85.

SOBRINHO, S. T. A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 239-250.